

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

8. Violência e segregação familiar

Responsável NEL-Cali: Gladys Martínez

Participantes: Jimena Contreras (NEL Cochabamba), Carolina Puchet (NEL México),
María Auxiliadora Rodríguez (NEL Caracas), Ricardo Torrejón (NEL Tarija),
Maritza Bernia (NEL La Habana), Mónica Larrahondo (NEL Cali),
Sandra Patricia Rebellón (NEL Cali), Catalina Cuartas (NEL Cali)

Violência e segregação familiar hoje

Introdução

A violência e a segregação são duas noções que podemos situar como experiências humanas da ordem do mais primitivo para tudo *parletre*, nesse sentido, experiências da ordem do mais familiar, assim impliquem o mais estranho de si.

A violência de modo simples é um adjetivo que denota *uma força e intensidade extraordinárias*.¹ Se recaem sobre um sujeito designa um atuar impetuoso e arrebatado pela ira. Freud, precisamente “O malestar na cultura”, não deixa de bordear este buraco tão enigmático que habita o coração mesmo de todos os laços humanos do que brota esta força impetuosa que destrói. Neste texto fala de *uma disposição pulsional, autônoma, originária*,² que arremete sobre o vivo fazendo fracassar qualquer conquista civilizadora. Deste modo o próximo constitui uma tentação para satisfazer nele a agressão,³ o explodindo, o usando, o humilhando, martirizando-o e o assassinando.

¹ Dicionário da Real Academia Espanhola: <http://dle.rae.es/?id=brjKWH1>

² Freud, S., O malestar na cultura. *Obras completas*. T. XXI. Buenos Aires: Amorrortu. 1986.

³ *Ibidem*.

Esta ira remete-nos ao ódio, e o ódio, em tanto *paixão do ser*, a essa força expulsora na conformação do aparelho psíquico freudiano que requer da exclusão do percebido como hostil para poder constituir um interior. O bom fica instituído como interior, enquanto o expulsado estaria do lado da maldade.⁴ Diz Freud:

O mundo exterior decompõe-me (ao eu) em uma parte de prazer que ele tem incorporado e em um resto que me é alheio. E do eu próprio tem segregado um componente que arroja ao mundo exterior e sente como hostil.⁵

É nesta topologia interior-exterior moebiana que também podemos localizar a segregação como um assunto familiar, entendendo por segregar a ação de *expulsar uma substância*⁶ que o mesmo órgão produz. Então, não se tomará tanto a segregação de goze no seio da família, como tem acontecido desde tempos pretéritos – já que, tal como afirma Lacan, não há irmandade sem segregação –⁷ sina a segregação como um assunto originário. O goze, que irrompe no corpo sem possibilidade de simbolização nem subjetivação, se segrega, justamente porque provindo de um exterior tão íntimo é o mais intrusivo e ameaçante que não pode ser suportado. Deste modo a segregação do goze Outro que habita as entranhas é *um familiarismo*⁸ violentamente arraigado porque *não cessa de não se escrever*.

Para cernir esta incrível transformação de uma impossibilidade em ódio ao goze, teríamos que nos valer do neologismo de Lacan de *extimidad*. O éxtimo é o mais íntimo ejetado fosse que acarreta a vivência do goze como um mau, mau ao próximo. Lacan retomando a Freud pergunta-se: “Y ¿que é mais próximo que esse próximo, que esse núcleo de mim mesmo que é o goze, ao que não ousa me aproximar?”⁹

⁴ Freud, S., A negação. *Obras completas*. T. XIX. Buenos Aires: Amorrortu. 1986.

⁵ Freud, S., Pulsões e destinos de pulsão. *Obras completas*. T. XIV. Buenos Aires: Amorrortu. 1979, p. 130.

⁶ Dicionário da Real Academia Espanhola. Recuperado em: <http://dle.rae.es/?id=XSZ6njm>

⁷ Lacan, J., *O Seminário, livro 17. O reverso do psicanálises*. Buenos Aires: Paidós. 1998.

⁸ Salman, S., O que faz a família e a excomunhão. Recuperado em:

<http://www.asuntosdefamilia.com.ar/es/template.php?file=Boletines/Asuntos/002/Silvia-Salman.html>

⁹ Lacan, J., *O Seminário, livro 7. A ética do psicanálises*. Buenos Aires: Paidós. 1998, p. 225.

A violência, um real por todo lado

A violência como forma de dominação não é um assunto novo. ¿Que é o que poderíamos dizer tem sofrido uma mutação no laço que faz que a violência da atualidade estoire de maneira virulenta com outra lógica?

Marie-Hélène Brousse desenvolve em sua conferência *A violência na cultura*,¹⁰ o passo da violência legitimada à radicalização da violência. Essa radicalização é o novo de nossa época se entendemos por radicalização a ausência de qualquer mediação simbólica. A violência é a força baixo a que qualquer discurso do amo na história da humanidade tem tentado dominar o goze dos corpos. Como bem o afirma, *seria mais apropriado na orientação psicanalítica, desde Freud, dizer que o laço social em si mesmo é violento, que a violência é a civilização*.¹¹

A maquinaria do discurso, que não é outra que a captura do goze do ser que fala por significantes, não é sem a violência que produz o dar sentido àquilo que não o tem, o goze, pois como ela afirma, *todo discurso é uma hermenêutica imposta por médio de significantes amo*.¹² Que seja imposta indica a dimensão inegável de dominação, e se tratando do goze, dominação da sede do mesmo, isto é dos corpos. Isto em relação à definição de todo discurso do qual o discurso analítico se excetua.

Se a violência é um nome do imposto e isto sempre tem existido, ¿que é verdadeiramente o novo? A proposta de MHB é o passo da violência ao lugar de significante amo, *para regular atualmente a vida social, os valores, os ideais, as instituições*.¹³ E em tanto implica uma imposição hermenêutica, a violência devém interpretação mínima desse real, por vias, diríamos, não simbólico-imaginárias, sina mais reais. Neste sentido trata-se de uma violência separada da lei, isto é, não interpretada por ela sina mais bem como agente interpretador de todo real. Que faz que isto se produza deste modo? Que aquilo que advem ao lugar de agente, prove/provem do lugar do produto do discurso anterior, isto é, do objeto a, do plus de gozar.

¹⁰ Brousse, M.-H., Violência na cultura. *Bitácora Lacaniana*. Número extraordinário. Abril 2017, p. 9.

¹¹ *Ibidem*, p. 10.

¹² *Ibidem*, p. 12.

¹³ *Ibidem*, p. 14.

Esse modo de goze, mais exposto, menos condenado, que aparece mais e mais é capturado por um novo significante, que comandará o discurso do amo mas proveniente do real.¹⁴

Sua hipótese como característica da época em relação ao goze, *é que a articulação entre castração e Nome do Pai, tem deixado de funcionar.*¹⁵ De ali que *onde tinha metáfora, há o real;*¹⁶ onde tinha nome, há funcionamento imperativo; onde tinha autoridade, há cifra; onde tinha representação, há imagem condensadora de goze.

Violência familiar

Agora, ¿que pode ser apreciado desta transformação social no laço mais íntimo como é o laço familiar? Na conferência “Violências na família. Bater e ser batido”, Marie-Hélène Brousse, retomando a Freud, exalta primeiramente o fundamento da família suportado sobre dois assuntos de violência máxima, o parricídio e o incesto, os quais, interpretados desde o marco simbólico como crimes, ainda que terríveis, ainda estão orientados pela lei.

Além desta violência familiar, retomando o fantasma como aparelho que dá um sentido ao que é vivido como violência do outro através do colar ou de qualquer outra ação, o que se revela é *que o que bate ao corpo é o significante,*¹⁷ isto é que existe a violência do significante. Mas além da mortificação do goze operada pelo golpe das palavras no corpo, *existe uma violência original, a primeira, a mais forte, que é a irrupção do goze no corpo que fala.*¹⁸ Deste modo a violência primeira não está causada por nenhuma maldade de um outro maléfico. Trata-se do que invade o corpo sem representatividade. Depois estará o fantasma como um modo de retomar poder sobre essa violência original.

Lacan, em “Nota sobre o pai”,¹⁹ afirma que a evaporação do pai tem deixado um rastro, uma cicatriz, que não é outra que a segregação. Esta evaporação do pai não é sem efeito no fantasma já que não está mais esse partenaire com o que o sujeito se jogava a partida do goze

¹⁴ *Ibidem*, p. 17.

¹⁵ *Ibidem*, p. 17.

¹⁶ *Ibidem*, p. 17.

¹⁷ Brousse, M.-H., Violências na família. *Bitácora Lacaniana*. Número extraordinário. Abril 2017, p. 24.

¹⁸ *Ibidem*, p. 25.

¹⁹ Lacan, J., Nota sobre o pai. *Lacaniana* N° 20. Buenos Aires: Grama. 2016, p. 9.

em uma contenda íntima. Deste modo, o fantasma também tem sofrido uma transformação na contemporaneidade. Tem outro uso em frente ao goze, mais identifica tório, ao nu, sim localização, auto erótico, mais real²⁰.

Esse funcionamento do fantasma, de um registro mais real, que vem ao lugar da lei paterna e que invade toda a realidade, não é sem essa escalada segregativa antecipada por Lacan:

[...] penso que o que caracteriza nosso século, e não podemos deixar de perceber, é uma segregação ramificada, acentuada, que se entre misturar em todos os níveis e que multiplica a cada vez mais as barreiras.²¹

Evaporada a exceção, esse ao menos um que não das fórmulas da sexualidade, o que impõe é um “para todos” que livra um espalhar de Uns sozinhos, daí a explosão, por todo lado, de segregação de goze que não é outra que a volta feroz dessa cicatriz.

Poderíamos também propor, como hipótese, que essa segregação de goze e goze, em frente aos quais o ser falante está a cada vez mais órfão, é o uso identificatorio do fantasma, o que mais impulsiona à formação de irmandades ou comunidades de goze, pois o fator que fraterniza é a identificação ao plus de gozar e não já ao Ideal.

Cicatriz do pai nos países da NEL

Nossos países latino-americanos, deixam ver, através de suas problemáticas a necessidade de inventar-se um pai ou sustentar a toda coisa a salvação de sua humilhação.²² Em Colômbia isto se expressa de maneira forte ao interior das bandolas de matadores (sicários), nas ligas de crime organizado, no regime do narcotráfico e nos grupos armados. Nestes grupos à margem da lei trata-se da restituição de uma ordem paterno, sentido falta, que vem ao lugar faltante de sua função, presença e papel no núcleo familiar. De ali a instauração, ainda que rotativa, de um líder, cuja palavra devém férrea lei que exige inquebrantável subordinação a ele. Como

²⁰ Brousse, M.-H., *Violências na família, op. cit.*, p. 28.

²¹ Lacan, J., *Nota sobre o pai, op. cit.*, p. 9.

²² Laia, S., *A violência nas cidades e o enxame que emaranha a vida. Bitácora Lacaniana* N° 5. Buenos Aires: Grama. 2016, p. 38.

afirma Sergio Laia, quando o Estado mais falha em garantir e promover condições de vida mínimas:

[...] mais se fortalecem os “estados de exceção”, clamando, ao modo do “masoquismo do filho” a presença de “um pai” que, ainda que terrível, poderia restabelecer a suposta organização perdida ou jamais encontrada até agora.²³

No entanto, esta reinstauração de uma ordem paterno, baixo o velo de um pai feroz e terrível, não deixa de pôr de relevo o destacado por Marcelo Barros como uma servidão bem mais radical à da ordem patriarcal que não é outra que *a obediência sem autoridade*²⁴ comandada por um imperativo exigente, o supereu, que empurra ao sacrifício de si.

Vejamos algumas das expressões destas evidências em nossos países da NEL:

Bandolas de sicarios (matadores)

Bandola é o nome de um instrumento musical. Em Colômbia tem 16 cordas e é característico na interpretação de pasillos e bambucos. Este nome foi adotado por ligas de matadores para singularizar seu estilo de vida em tanto *banda*. Faremos referência a Antonio, quem nomeou seu destino como *Não nascemos pa' semente*,²⁵ destino e estilo de vida que o jornalista Alonso Salazar tomou como título para seu livro a respeito da cultura das bandas juvenis na cidade de Medellín.

O contexto: a violência urbana que se desata quando desfalecer o ideal paterno e este se pulveriza e pluraliza em muitos ideais em seu lugar. Antonio trabalha como matadores. Para ele isto é um trabalho sério, isto é, há certos códigos que se preservam, certos rituais de iniciação que se realizam e pactos precisos. A palavra não é necessária. Mais bem o silêncio cobra o máximo valor e se converte em valentia pura si se sustenta quando se é capturado e não se delata a ninguém. Os bandos de matadores ¿são a anarquia propriamente dita? Não pareceria. Assim tenha uma violação ao preceito de Não-matar, o relato de Antonio estabelece

²³ *Ibidem*, p. 39.

²⁴ Barros, M., *Obediência sem autoridade: o sadismo nosso do cada dia. Violência e radicalização: uma leitura do ódio em psicanálises*. Buenos Aires: Grama. 2016.

²⁵ Salazar, A., *Não nascemos pa' semente. A cultura dos bandos juvenis em Medellín*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana S.A. 2012.

que se pertence a uma organização social, na que claramente alguém se destaca como líder por seus atributos: “a seriedade” de *não se deixar de ninguém*. Desde esta forma de organização social matar devém um modo de fazer-se um lugar, de trabalhar e de tecer um estilo de vida. Trabalho *onde a morte é o negócio*. A hierarquia é essencial para constituir esta massa privada e efêmera. Quando se pertence ou constitui uma bandola, *se forma um sozinho corpo*. Para Antonio *eram os reis deste mundo*. Um lugar desde o alto, desde onde todo se move embaixo da mirada: *Somos inatingíveis*, cria. Os chefes da banda não vivem muito tempo, mais bem um tempo extra. Antonio converte-se em um deles.

Mas Antonio atribui sua eleição de voltar-se matador a algo mais seu e mais familiar. Declara: *A todo o que tocava comigo lhe ia mau. Isso o aprendi de minha família, especialmente de minha cucha (mai)*. Apesar de que sua eleição "trabalhista" obedece ao "rebusque" de rendimentos familiares em situação de extrema pobreza, declara que também sabe que isto lhe nascia porque *desde menino tenho sido mau*. Quando vou disparar a uma pessoa, sozinho penso: de más que se encontrou comigo. O gérmen desta exclusividade, como diz Silvia Salman, tem suas raízes *nos modos em que o corpo e a linguagem se anodan para fazer existir uma vida pulsional afetada por palavras*.²⁶

Conquanto, a mãe de Antonio nunca lhe contou de seu próprio encontro traumático não por isso este não deixou de retornar sobre ele, segregando-o, como a ela, do laço social. Ela recorda que sua mestre a tinha escolhido para recolher flores para a festa da Virgem, não sem lhe advertir tirar bem as espinhas. Ao ser chuçada por uma delas a professora lhe dá uma bofetada. *Eu, de uma, sem pensar um segundo, lhe atirei com a faca com o que tinha cortado as rosas. Ela, ainda que ficou ferida, se salvou; eu fiquei para sempre sem escola*.

Para esta mãe, a maldade é coisa de família. Não só porque sua família e ela viveram a violência da expropriação, da deslocação, das mortes causadas pelos confrontos de grupos armados de ódio irracional que têm escrito com sangue a história de Colômbia, sina porque este gérmen devém para ela como um princípio de vida que dá um ser: *eu para algumas coisas tenho muita maldade. [...] A Toño desde pequeno conheceu-lhe a maldade*.

²⁶ Salman, S., O que faz a família e a excomunhão. Recuperado em:

<http://www.asuntosdefamilia.com.ar/es/template.php?file=Boletines/Asuntos/002/Silvia-Salman.html>

É a volta do que não tem sido possível de ser escrito, o que nos pôr no buraco forclusivo mesmo, que conjuga de maneira sincrônica um não há com uma marca. É desde ali que retorna *a explosão do real*.²⁷

As bandolas de matadores reivindicam um estilo de vida pondo em ato esse buraco de maldade, ao constituir comunidades de goze vinculadas pela inserção de balas no corpo do outro.

O homem segregado da lei

Em Venezuela e em outros países latino-americanos é costume escutar termos como violência de gênero, violência contra a mulher, violência intrafamiliar, entre outros, como definições da agressão, o dano, o maltrato dentro do chamado núcleo familiar. Pelo geral há um ator que abusa dos outros e este lugar costuma atribuir ao pai, padrasto ou figura masculina que pode exercer um lugar de poder na família.

Desde o jornalismo até as teorias de gênero, desde os reality shows até os meios universitários, dá-se esta sorte de discriminação positiva em onde a figura masculina está comprometida a priori com o abuso, maltrato, violência, irresponsabilidade. Ali encontramos essa forma de segregação. Segregação autorizada desde as leis e desde as instituições que se encarregam destas situações (promotoria, conselhos de proteção, etc.) O mesmo nome da lei põe-no em evidência (pelo menos em Venezuela): “Lei de Proteção à mulher e a família” ¿Então o homem não é parte da família? ¿Homem tanto faz a pai ou casal? ¿Violência = homem?

Seguindo a reflexão que realiza Eric Laurent em seu texto *O nome do pai entre realismo e nominalismo* emerge a pergunta por esse real que surge a partir do exercício da função paterna Não é novidade; a verdadeira novidade é a introdução da ciência e das novas formas de união que definem à sociedade contemporânea. No entanto, ao falar do nome do pai e colocá-lo como uma função que parte desde o real, desde a primeira até o último ensino de Lacan, constitui um bom encontro. Diz-nos:

É aqui onde o discurso sobre o pai re encontra o impossível. Assim se estabelece uma relação entre nominalismo e realismo que não se funda sobre o utilitarismo, sina mais bem

²⁷ Nome escolhido pelo Comité Editorial para a publicação de *Bitácora Lacaniana*. Número extraordinário. Abril 2017, p. 5.

sobre a dis função É aqui onde o discurso sobre o pai re encontra o impossível. Assim se estabelece uma relação entre nominalismo e realismo que não se funda sobre o utilitarismo, sina mais bem sobre a dis função, sobre o falhanço para o que vem a se nomear pai para satisfazer as exigências da função [...]. Não é possível colocar-se por completo e de forma satisfatória baixo o nome do pai pois a função impede-o. Há um impossível em jogo.²⁸

Se unimos a isso as consequências da construção da fórmula da sexualidade por parte de Lacan, podemos nos propor a possibilidade do exercício da violência desde o lado masculino que não necessariamente está relacionado com a anatomia, sina com quem se coloca desde o lado fálico

Um papai, um homem pode ser violentado, maltratado e abandonado, e o Outro faz um julgamento a priori, ao ignorá-lo de plano das possibilidades de proteção legal, um efeito de segregação desde o oposto ao discurso de segregação.

Milan Kundera em sua novela *A Identidade* plasma na reflexão de seu protagonista: *Os homens têm-se papaisado. Já não são pais, tão sozinho papais, o qual significa: pais sem a autoridade de um pai.*²⁹

Precede-o o seguinte texto:

Os grupos reproduziam todos o mesmo esquema: o homem empurrava uma carroça com um bebê, a mulher caminhava a seu lado; o rosto do homem era bom, atento, sorridente, um pouco preocupado sempre disposto a inclinar sobre o menino,, a tirar-lhe os mocos e a acalmar seus gritos; o rosto da mulher era apático, distante, presumido, inclusive às vezes (inexplicavelmente) malvado.

E desta maneira ratifica desde a literatura o já dito por Lacan sobre a queda do Nome do Pai, mas ao mesmo tempo descreve uma nova função, função quiçá vinculada com o desejo como contrapeso do capricho materno, isso é o que estaria por verificar no caso por caso.

²⁸ Laurent, E., *Do nome do pai entre realismo e nominalismo. Blog-Note del síntoma*. Buenos Aires: Tres Haches. 2006, p. 28.

²⁹ Kundera, M., *A identidade*. Barcelona: Tusquets, p. 21.

Os filhos como objetos segregados

Em outras famílias latino-americanas a evaporação do pai faz presente a ausência do elemento mediador entre a mãe e seus filhos. Deste modo, como produto de uma separação, o buraco da mulher e o estranho de seu goze, retorna sobre a mãe de modo intrusivo quem resulta o açoitando às vezes com horror, contra seus próprios filhos. Não se trata aqui do castigo físico que, como tradição em nossos países, se dá de maneira violenta sobre o corpo do menino. Não é essa a violência em jogo

Evidentemente a violência que emerge aponta ao que de goze aparece “estrangeiro” para um sujeito encarnado em qualquer corpo dos que participam da constelação familiar. Dito goze intrusivo do lado materno condenação ao corpo do menino ao aparecimento de sintomas.³⁰ É o dispositivo analítico o que permite introduzir a causa, separando aos meninos- como qualifica E. Laurent- dos delírios familiaristas,³¹ deslocando desse lugar de objeto segregado.

A orfandade, outro nome da violência

Para finalizar, por mais família que tenhamos, ou que constituamos, existe outro fato de estrutura que não podemos ignorar: nossa orfandade em frente ao goze.

A família transmite-nos um discurso e um goze, para além de sua conformação: monoparental, heteroparental, homoparental, etc., e isto é vívido pelo cada sujeito de um modo muito particular.

Ainda quando todos chegamos como o resto de um desejo, o modo em que a cada um vive essa chegada é diferente. A versão épica do filho como falo noivo para o desejo do Outro, cuja significação para o menino seria assegurada pelo Nome do Pai que pode ser servido encontrando uma razão para o desejo que o engendrou, encontra, no entanto, seu limite. Não sempre se dispõe do velo do amor.³²

Se a família é um aparelho de goze, o que ninguém nos ensina é como fazer com nosso goze. Para além da mamãe ou o papai que nos tocou na realidade, as funções parentais transmitem

³⁰ Lacan, J., Nota sobre o menino. *El Analiticón*. Fundacao do Campo Freudiano. 1987.

³¹ Laurent E., *O menino como real do delírio familiar*. Dic. 18. 2008.

³² Sota Fuentes, M. J., As ficções de família e o goze órfão, 2016. Recuperado em:

<http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/las-ficciones-de-familia-y-el-goce-huerfano/>

uma modalidade de saber fazer mas que não necessariamente é a que lhe serve à cada qual. Essa orfandade em frente ao goze que irrompe no corpo é outro nome da violência

O discurso analítico, constitui uma exceção da lógica de todos os outros discursos. Neste sentido, oferece um tratamento possível desta violência e segregação originárias diferente da erradicação ou a dominação. Oferece um modo de tratamento do goze no que se produz a separação desse assunto familiar que se institui na história como destino sem saída. Possibilita um modo de fazer diferente à restituição da ordem paterno perdido e à comemoração com fúria da cicatriz deixada. Faz possível uma posição de vida que se separa da servidão do filho, que se separa da irmandade sacrificial, que inventa um laço vivível para o goze de uma exclusividade.